



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

ANA CAROLINA VERGILIO FALCÃO

BIGGER ON THE INSIDE:
OS CAMINHOS CRIATIVOS QUE FIZERAM DE DOCTOR WHO UM
SERIADO DE SUCESSO

Assis
2015

ANA CAROLINA VERGILIO FALCÃO

BIGGER ON THE INSIDE:
**OS CAMINHOS CRIATIVOS QUE FIZERAM DE DOCTOR WHO UM
SERIADO DE SUCESSO**

Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e à Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientanda: Ana Carolina Vergilio Falcão
Orientador: Sidney de Paulo

**Assis
2015**

ANA CAROLINA VERGILIO FALCÃO

BIGGER ON THE INSIDE:
**OS CAMINHOS CRIATIVOS QUE FIZERAM DE DOCTOR WHO UM
SERIADO DE SUCESSO**

Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e à Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Sidney de Paulo, Mestre - Fema

2º Examinador: _____
Ana Luisa Antunes Dias, Mestre - Fema

Assis, de de 2015.

AGRADECIMENTOS

Marcia Melo, por exercer a função de mãe, melhor amiga, conselheira e por ser uma das pessoas mais incríveis que eu conheço.

Lucinha Vergilio, pela paz e sinceridade que me passou ao longo de todos os anos de minha vida.

Matheus Castilho, pelas influências musicais, pelos conselhos criativos e por incentivar ao máximo o trabalho que segue.

Giovanna Beda, por ser melhor amiga e me apoiar com todas as forças nesse trabalho, mesmo estando do outro lado do continente.

Aos amigos virtuais, fãs de *Doctor Who* que, de um modo ou de outro, contribuíram para que a evolução desse trabalho acontecesse da melhor forma possível.

Sidney Newman, em memória, por dar início ao que seria um dos maiores programas de ficção científica da história.

Ao ator Matt Smith que fez com que eu me apaixonasse pelas aventuras de *Doctor Who*.

A todos os fãs e admiradores do seriado que, de certa forma, me inspiraram para realizar o trabalho a seguir.

*O universo é grande, vasto, complicado e ridículo.
E às vezes, muito raramente, coisas impossíveis
simplesmente acontecem e nós as chamamos de
milagres.*

Matt Smith (Doctor) – 2010

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, a partir de análises narrativas, identificar características criativas que fizeram com que o seriado britânico de ficção científica *Doctor Who* conquistasse as telas do mundo todo ao longo de seus 53 anos de existência. Ao partirmos da pergunta – *qual a fórmula necessária para dar continuidade em uma história por tanto tempo?* – observaremos as principais características do universo ficcional criado para *Doctor Who*, como personagens e arcos dramáticos, que contam com criações nas mais diversas mídias (televisão, livros, histórias em quadrinhos, podcasts, entre outros), capazes de agradar ao público em um nível no qual este consiga fazer parte daquela experiência como se fosse realidade. Apresentaremos, também, uma evolução visual e tecnológica da série que, desde 1963, passou por mudanças extremas em seus processos de roteirização, produção e divulgação.

Palavras-chave: Ficção científica; televisão; criatividade, transmídia.

ABSTRACT

The following research aims, from narrative analysis, to identify the creative features that made Doctor Who, the british science fiction series, conquer the screens around the world throughout its 52 years of existence. Starting from the question - what's the needed formula to continue with a story for so long? - we will notice the main features from the fictional universe created for Doctor Who, such as characters and dramatic arches, which contain creations in several medias (television, books, comic books, podcasts, among others), that are capable of pleasing the audience in a level which that person can be part of the experience as if it was reality. We will also present a visual and technological evolution of the series that, since 1963, has been through extreme changes in its routing, production and advertising process.

Keywords: Science fiction; television; creativity, transmedia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Primeiro Doctor – Willian Hartnell.....	13
Figura 2: Segundo Doctor - Patrick Troughton	14
Figura 3: Terceiro Doctor - Jon Pertwee	15
Figura 4: Quarto Doctor - Tom Baker	16
Figura 5: Quinto Doctor - Peter Davison	17
Figura 6: Sexto Doctor - Colin Baker	18
Figura 7: Sétimo Doctor - Sylvester McCoy.....	19
Figura 8: Oitavo Doctor - Paul McGann	20
Figura 9: War Doctor - John Hurt	21
Figura 10: Nono Doctor - Christopher Eccleston	22
Figura 11: Décimo Doctor - David Tennant	23
Figura 12: Décimo Primeiro Doctor - Matt Smith	24
Figura 13: Décimo Segundo Doctor - Peter Capaldi	25
Figura 14: Sarah Jane Smith - Elisabeth Sladen	26
Figura 15: Romana em sua primeira encarnação - Mary Tamm	27
Figura 16: Romana em sua segunda encarnação - Lalla Ward	27
Figura 17: Rose Tyler - Billie Piper	28
Figura 18: Donna Noble - Catherine Tate	29
Figura 19: River Song - Alex Kingston	30
Figura 20: Amelia Pond - Karen Gillan	31
Figura 21: Clara Oswald - Jenna Coleman	32
Figura 22: Barbara e Ian encontram o Doctor	37
Figura 23: Doces temáticos, 1964, Cadet	38
Figura 24: Brinquedo Dalek, 1964, Louis Marx & Company.....	38
Figura 25: Oito primeiras logomarcas de Doctor Who.....	42
Figura 26: Logo de Doctor Who entre 2005 e 2009	44
Figura 27: Logo de Doctor Who a partir de 2011	44
Figura 28: Logo de Doctor Who a partir de 2014	45
Figura 29: Spearhead From Space, primeiro episódio em cores, 1970	46
Figura 30: Cenas do episódio “The Magician’s Apprentice”, 2015	46
Figura 31: Foto promocional do episódio Vincent And The Doctor	48
Figura 32: Imagem do episódio “Blink”	49
Figura 33: The Beatles e Cybermen.....	53
Figura 34: Capa do álbum Somewhere in Time do Iron Maiden	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO AO UNIVERSO WHO	11
1.1. AS REGENERAÇÕES	12
1.2. AS COMPANIONS	25
CAPÍTULO II – A NARRATIVA	33
2.1. O ARCO DRAMÁTICO.....	33
2.2. O COMEÇO.....	36
2.3. A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E VISUAL	41
2.4. COMPARAÇÃO DE CENAS	45
CAPÍTULO III – A CULTURA POPULAR EM TORNO DE DOCTOR WHO	47
3.1. A DEDICAÇÃO	47
3.2. “VINCENT AND THE DOCTOR”	48
3.3. “BLINK”	49
3.4. O CONTATO COM OS FÃS.....	51
3.5. A CULTURA POPULAR	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
BIBLIOGRAFIA	56
FILMOGRAFIA	58

INTRODUÇÃO

A produção midiática está presente na vida de grande parte da população mundial no século XXI. É através dela que as informações, notícias e acontecimentos dos mais diversos assuntos chegam com uma grande rapidez aos mais variados lugares.

De acordo com um levantamento divulgado pela União Internacional das Telecomunicações, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas, existem 3,2 bilhões de pessoas conectadas à internet. Ou seja, 42% da população mundial tem acesso e grande participação nas maiores plataformas de informação dos últimos tempos.

A televisão, um dos meios de comunicação mais importantes e relevantes da história, é predominante na casa dos brasileiros. De acordo com o levantamento da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, 95% dos brasileiros assistem à TV regulamente (Fonte: www.secom.gov.br/).

Na televisão, encontramos uma grande diversidade de conteúdo para satisfazer as preferências de todos os públicos. Essa ação para o Marketing, de acordo com Sérgio Roberto Dias, em seu livro *Gestão de Marketing* (2003), é denominada segmentação de mercado, no qual o público é separado por necessidades e características pessoais parecidas e, por isso, podem apresentar características de compras semelhantes.

A partir disso, a Publicidade e o Marketing em geral podem compreender com mais facilidade o seu consumidor e oferecer produtos que supram as necessidades de seus clientes.

Também podemos segmentar o mercado na televisão assim como na Publicidade. Existem programas diversos para satisfazer e entreter os consumidores com gostos e necessidades diversificadas. Existem os programas mais informativos, os humorísticos, os *reality shows*, as novelas e também podemos contar, em grande parte da televisão, com os fictícios.

A ficção, porém, já existe e em uma grande proporção fora das telas de televisão e alcança as telas de cinema, na literatura ou rádio. No caso da ficção científica, sabe-se que ela teve sua origem no século XIX.

H.G. Wells, conhecido como o “pai” da ficção científica, teve seu primeiro romance lançado em 1895, chamado de “*A Máquina do Tempo*”. A partir daí, foram surgindo as referências à viagem no espaço, vida extraterrestre e o contato com diversas civilizações ao redor do universo.

Portanto, é nesse mundo que o presente trabalho se encontra: a análise da criatividade envolvida em um dos maiores sucessos da televisão e da ficção científica, *Doctor Who*.

Para tanto, no capítulo 1, abordaremos aspectos gerais do seriado, a fim de contextualizar nosso leitor. Já no capítulo 2, discutiremos acerca da estrutura narrativa propriamente dita. Por fim, no terceiro e último capítulo, observaremos as influências do seriado na cultura popular.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO AO UNIVERSO WHO

Doctor Who é um seriado de ficção científica britânico produzido pela *BBC* (*British Broadcasting Company*). Criado em 1963 como um programa educacional infantil, a produção foi encerrada em 1989 e retornou às telas mundiais em 2005 com uma nova geração de personagens e histórias, contando com uma produção mais avançada e deixando de lado sua essência pedagógica.

Doctor, nosso personagem principal, é um Senhor do Tempo, vindo do planeta *Gallifrey*. Possui características semelhantes às humanas, mas conta com a habilidade de se regenerar quando está à beira da morte. Essa solução foi apresentada pelos roteiristas da *BBC*, quando o primeiro ator a interpretar o papel do *Doctor* decidiu deixar o papel para cuidar de sua saúde. Para que os episódios pudessem continuar, o personagem precisava de um rosto novo.

A regeneração, a partir desse ponto, não pode ser controlada, e faz com que a sua aparência física e psicológica mude, sendo improvável prever quais características a próxima encarnação terá. Ele se molda, se modifica, se destrói e se constrói em instantes.

Doctor tem como companhia principal uma máquina espacial e temporal, chamada *TARDIS* (acrônimo para *Time and Relative Dimensions in Space* – Tempo e Dimensões Relativas no Espaço). Com a aparência de uma cabine telefônica londrina dos anos 50, ela atravessa universos nas mais diferentes épocas da história.

Além da *TARDIS*, *Doctor* mantém ao seu lado figuras – quase sempre – humanas que aceitem enfrentar as mais diversas aventuras ao seu lado. Normalmente, esse personagem, que chamaremos de *companion*, é apresentado no primeiro episódio de uma temporada e, desde o retorno da série em 2005, apresentam um papel importante no desenvolvimento da história.

O roteiro narrativo de *Doctor Who*, assim como a maioria das obras de ficção científica, apresentam uma certa complexidade. Boa parte dos episódios exige que o espectador complete lacunas através do seu próprio esforço, para conseguir a compreensão completa do enredo. Abordaremos esse ponto com mais profundidade no capítulo seguinte.

Com personagens mutáveis e extremamente flexíveis, o público acaba criando uma expectativa para as futuras temporadas e isso faz com que a série tenha capacidade de renovar por muito tempo. As temporadas atuais tem alcançado um público mais elevado e participativo, que sugere teorias, enredos, arcos dramáticos, e tudo isso acaba elevando o nível da produção. De acordo com o site oficial da *BBC*, o índice da audiência tende a crescer. A maior marca registrada foi em 23 de novembro de 2013, quando o episódio especial de 50 anos do seriado foi ao ar, simultaneamente, em mais de 94 países, nas televisões e nas telas do cinemas ao redor do mundo, batendo um recorde mundial de maior transmissão simultânea de um drama televisivo pelo *Guinness World Records*.

Em entrevista a *San Diego Comic Con 2014*, Steven Moffat – atual diretor e roteirista do seriado -, afirma que a troca de personagens faz com que a série se renove, estando sempre ali e nunca soando antiquada. É, basicamente, uma forma de viajar no tempo. É possível assistir quaisquer episódios da série e mergulhar no mundo criativo e infinito que aquela história te proporciona, podendo se fazer isso quantas vezes quiser.

1.1. AS REGENERAÇÕES

Iniciando nossa análise com a personagem principal, *Doctor*, podemos dividi-la em 13 faces, especificando a personalidade de cada uma delas e contextualizando com algumas de suas melhores histórias, citando quais as personagens que acompanharam esses doutores ao longo de sua linha do tempo nada convencional.

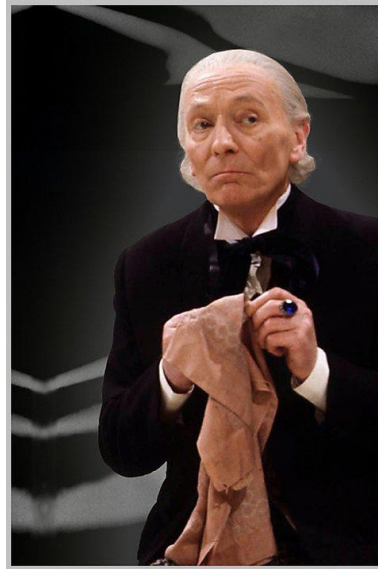


Figura 1: Primeiro Doctor – Willian Hartnell

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/4Mdptd1P1gyJ61H1qkgzLQm/the-first-doctor

O Primeiro *Doctor*, interpretado por William Hartnell, era uma personagem com um tom de superioridade, desconfiado e um pouco orgulhoso, mas conforme o tempo dessa encarnação foi passando, a personagem toma uma forma mais amigável. Foram 136 episódios ao longo de 3 temporadas. O *Doctor* de Hartnell arriscava a vida de seus companheiros para explorar os mais diversos lugares, mas pode ser considerado uma figura protetora na maior parte do tempo por sempre lembrar de sua neta e primeira companheira de viagens, Susan Foreman. A produtora Verity Lambert originou a “regeneração” do *Doctor* para tentar dar continuidade ao seriado quando a saúde de Hartnell não apresentou melhoras.



Figura 2: Segundo Doctor - Patrick Troughton

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/43KmRgTnY9DcX6HbQ5JSyNI/the-second-doctor

O Segundo *Doctor*, interpretado por Patrick Troughton, foi uma troca arriscada, pois os dois atores eram muito diferentes e os diretores da série tinham medo do público rejeitar a troca. A personalidade da personagem fora completamente transformada de figura de um avô para a de um tio favorito. Troughton dava ao *Doctor* um ar caloroso, engraçado, até atrapalhado, mas que escondia sua inteligência para que os outros o subestimassem. Foram 126 episódios com elementos da ficção científica, o que não era encontrado nas primeiras temporadas.

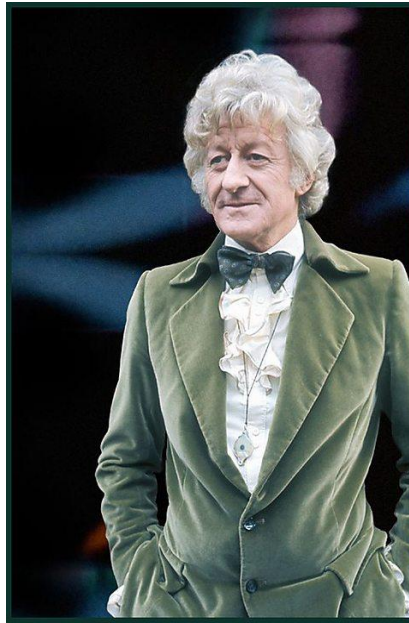


Figura 3: Terceiro Doctor - Jon Pertwee

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/3qPPLL4q53Fw2v8tHnQ1SXn/the-third-doctor

Jon Pertwee deu forma ao Terceiro *Doctor* que era um homem de ação, diferentemente dos dois primeiros. Pertwee era fã da série e se candidatou para a vaga sem saber que já era cotado para o papel. Foram 129 episódios interpretados pelo ator. Essa encarnação do *Doctor* permaneceu exilada na Terra por boa parte de sua existência, começou a trabalhar para a *UNIT* (*Unified Intelligence Taskforce*, uma organização militar que combatia ameaças paranormais e extraterrestres no Planeta Terra). Foi esse *Doctor* que viajou com Sarah Jane Smith, *companion* de extrema importância para o seriado até os dias de hoje.

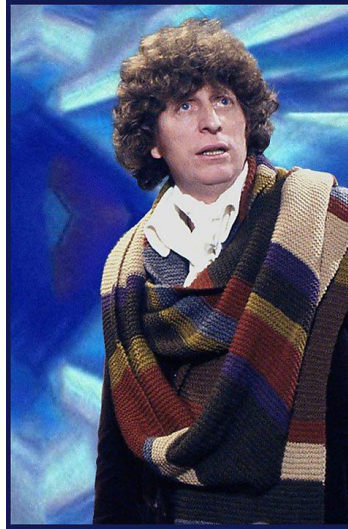


Figura 4: Quarto Doctor - Tom Baker

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/c84G2GNIP1kcB6GWw32WCH/the-fourth-doctor

O Quarto *Doctor* recebe, assim como os outros, um carinho especial dos fãs da série até os episódios atuais. Interpretado pelo ator Tom Baker, a personagem era uma figura distinta de sua própria raça e não apresentava característica humana alguma. Foram 172 episódios de um *Doctor* bem humorado e com uma personalidade mais jovem. Ele, ao contrário do Terceiro *Doctor*, não suportava trabalhar para a *UNIT* e, logo que seu exílio acabou, viajava constantemente. Era uma personagem que procurava a paz, mas poderia causar uma guerra se necessário. Um ponto importante é que essa personagem é, até hoje, caracterizada pelo seu cachecol colorido e por sua constante oferta de “*jelly babies*” a todos. Tom Baker teve a oportunidade de retornar no episódio especial de 50 anos do seriado, onde contracenou com Matt Smith em uma das cenas finais.



Figura 5: Quinto Doctor - Peter Davison

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/3vXTpZZY2NghXjpLQj7L6qZ/the-fifth-doctor

O Quinto *Doctor*, interpretado por Peter Davison, teve uma regeneração difícil, porém se revelou como a encarnação mais vulnerável e com mais características humanas da história da personagem até então. Era extremamente contra a violência desnecessária e tratava todas as suas companhias como partes de um time. Peter atuou no papel por 70 episódios, aparecendo em alguns especiais recentemente. Um fato curioso é que, em 2007, contracenou com o ator David Tennant (Décimo *Doctor*), que viria a se casar com a filha de Davison em 2011. David e Georgia Moffett se conheceram nas gravações de um episódio de *Doctor Who*, onde ela interpretava a filha dele.

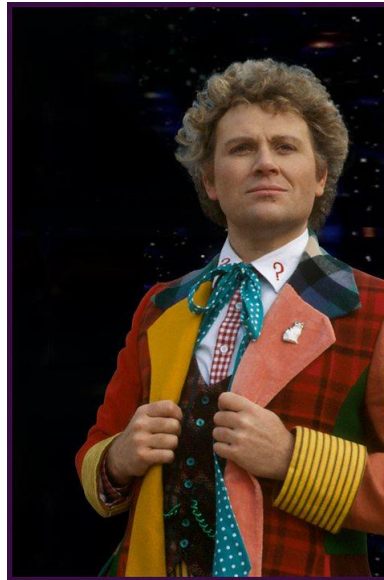


Figura 6: Sexto Doctor - Colin Baker

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/4LM99G4KdJtFtVFyXVssqH0/the-sixth-doctor

Colin Baker trouxe, em contraste com Peter, um Sexto *Doctor* arrogante, dramático e com um ego gigantesco. Acreditava ser superior a todos que estavam em sua volta, mas nunca deixara de lado o seu instinto de salvar todos aqueles que podia. Colin interpretou a personagem por apenas 35 episódios, pois na época em que assumira o papel, a série passava por um período de críticas por ter adotado um tom mais bruto e violento. A produção foi interrompida por um ano e meio, tendo seu retorno com um número de episódios reduzidos. Colin foi dispensado pela BBC pouco tempo depois do retorno da série, sendo o único *Doctor* a ser demitido até os dias de hoje.



Figura 7: Sétimo Doctor - Sylvester McCoy

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/JqWv5km6f69wvjQ1GltPNy/the-seventh-doctor

Sylvester McCoy, que interpretou o Sétimo *Doctor*, fora apresentado em dose dupla. Colin Baker se recusara a gravar a cena onde a personagem se regenera, então Sylvester precisou ser filmado usando uma peruca para essa cena final, além do seu papel original. Esse *Doctor* era estrategista e manipulador, enxergava a guerra entre o bem e o mal como um jogo de xadrez, usando aqueles que estavam ao seu redor como peças do jogo. No começo, apresentava uma personalidade alegre e despreocupada, mas assumiu características mais sérias e sombrias, sendo considerado, até hoje, o *Doctor* menos “agradável” de todos. Foi de responsabilidade de McCoy, também, protagonizar o último episódio da série, que só voltaria a ser produzida 16 anos depois.



Figura 8: Oitavo Doctor - Paul McGann

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/4GLP0JZNhRI46DS6jDX4fMr/the-eighth-doctor

Sete anos após a finalização da série, os fãs puderam prestigiar a interpretação de Paul McGann como o Oitavo *Doctor* em um filme feito para a TV. McGann assumiu o papel com a chance de poder voltar com a série caso o longa fosse um sucesso. O Oitavo *Doctor* era um tanto romântico e bem sensível, respeitava e admirava os humanos e tinha um senso de humor similar ao de sua segunda encarnação. No filme, teve ataques de amnésia após a primeira destruição de seu planeta, *Gallifrey*. Esse *Doctor* passaria a vida entre universos paralelos e, ao final, se regeneraria em um Guerreiro (*War Doctor*). O filme teve uma boa audiência no Reino Unido pela sua tradição, porém nos Estados Unidos não foi bem recebido. *Doctor Who* só voltaria ao ar em 2005, mas Paul McGann não fora considerado para o papel.

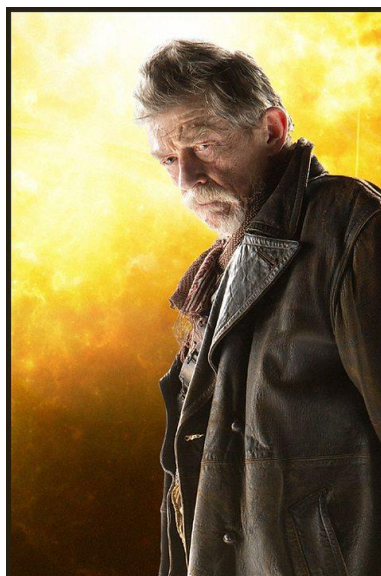


Figura 9: War Doctor - John Hurt

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/4P6Wk1ZGPtFwSW7Pw2XB9L3/the-war-doctor

O *War Doctor*, interpretado por John Hurt, é a encarnação que renega o título de “*Doctor*” pois não se considera um curador. Nascido para lutar na Última Grande Guerra Temporal, essa encarnação dedicou toda a sua vida a isso, mas decidiu acabar com o fardo usando o Momento, arma de destruição em massa que possuía uma consciência. A guerra é finalizada, mas a personagem não se recorda de como, e a existência do *Doctor* Guerreiro é negada pelas próximas 3 encarnações.

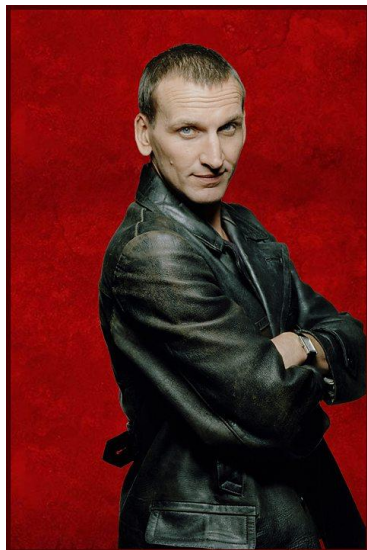


Figura 10: Nono Doctor - Christopher Eccleston

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/4qjMzzbrvvnyncBKH5mwZ4D/the-ninth-doctor

Voltando ao ar em 2005, após um hiato de quase 10 anos, a série conta com Christopher Eccleston no papel do Nono *Doctor*. Essa encarnação teve sequelas da Última Guerra do Tempo, fazendo com que o *Doctor* criasse uma admiração pelas maravilhas do universo e com uma vontade gigantesca de mantê-lo à salvo. A maior parte de suas aventuras foram no Planeta Terra com a *companion* Rose Tyler, uma das mais importantes da história da série. Sua regeneração foi causada pela absorção de toda a energia do vórtex do tempo para salvar sua companheira.



Figura 11: Décimo Doctor - David Tennant

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/k9n6zLh6fywLs0RxrPn47L/the-tenth-doctor

O Décimo *Doctor*, interpretado pelo David Tennant, é um dos *Doctors* mais queridos pelos fãs atuais. Ele era sagaz, carismático, muitas vezes exagerado e ainda apresentava resquícios da Guerra do Tempo. Sempre agia sem pensar quando estava em momentos de raiva, fazendo o que fosse necessário, até o que não devia. Era um *Doctor* que precisava de uma companhia para não deixar que ele agisse por impulso. A relação desse *Doctor* com as companions era intensa e chegou a ter um romance com Rose Tyler. Após a perda de sua primeira companhia, teve Donna Noble e Martha Jones em seguida, para lhe ajudar em suas aventuras.

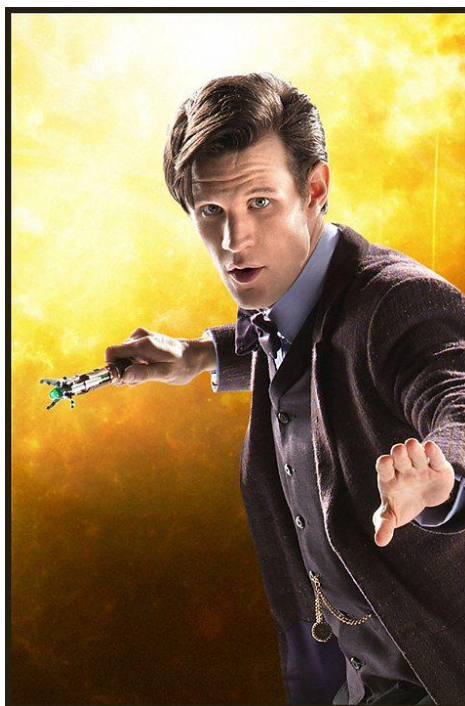


Figura 12: Décimo Primeiro Doctor - Matt Smith

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/5QNxbJj8gb8L46tcBHJ2FN3/the-eleventh-doctor

Logo em seguida, o público recebeu um Décimo Primeiro *Doctor* excêntrico, bem-humorado, otimista, dono de um vestuário bem criativo e de muitas frases de efeito. Matt Smith soube interpretar um *Doctor* com contrastes de personalidade, exibindo seu lado bobo e engraçado algumas vezes, mas em outras deixando transparecer toda a raiva e sofrimento vividos em 1200 anos. Favorito de muitos, essa encarnação tentava ao máximo ajudar à quem precisasse, e se considerava fraco quando não conseguia realizar o que pretendia. É com ele que descobrimos a importância de River Song, personagem com quem se encontra em ordem não-linear.

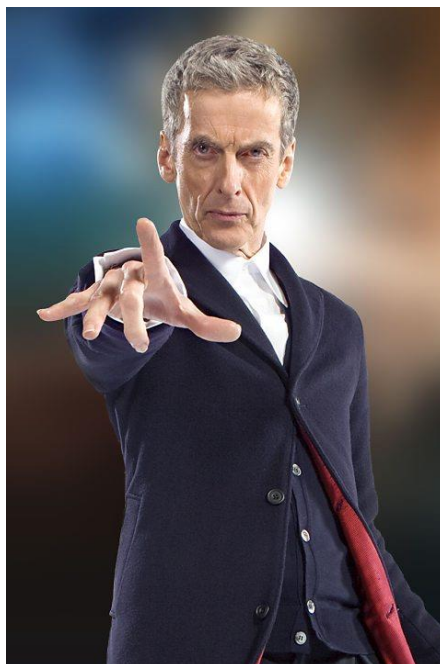


Figura 13: Décimo Segundo Doctor - Peter Capaldi

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/4LHmt9VKqXq37pHWIQ38vsS/the-twelfth-doctor

O Décimo Segundo *Doctor*, interpretado por Peter Capaldi, surgiu após a regeneração em *Trenzalore*, local muito importante para a história anterior. É com ele que descobrimos a existência de um novo ciclo de regeneração dos Senhores do Tempo, que o *Doctor* conquistou em uma de suas aventuras. Essa teoria foi importante para a base de fãs, pois a maioria acreditava que, ao chegar no Décimo Primeiro *Doctor*, a série não teria como continuar. Em sua primeira temporada como *Doctor*, Peter nos apresenta uma personalidade mais sombria, um pouco retraído e menos amável. É possível considera-lo frio e crítico em alguns episódios. Ao longo de sua primeira temporada no papel, pode-se apreciar a construção de uma nova personalidade forte, marcante, e ao mesmo tempo sensível, que ainda está aprendendo a lidar com seus sentidos e sentimentos.

1.2. AS COMPANIONS

Todas as companhias do *Doctor*, ao longo dos 52 anos da série, deixaram uma marca em sua história. Ele se lembra de todos aqueles que passaram muitos ou poucos momentos ao seu lado. Algumas, porém, deixam marcas maiores. Com o

foco na série atual, selecionamos algumas dessas personagens para uma breve descrição.



Figura 14: Sarah Jane Smith - Elisabeth Sladen

Fonte: www.followingthenerd.com/tv/heroes-of-doctor-who-week-31-elizabeth-slade-as-sarah-jane-smith/

Sarah Jane Smith, interpretada por Elisabeth Sladen, era uma jornalista investigativa, que viajou com o *Doctor* durante sua Terceira e Quarta encarnação. A personagem teve um retorno marcante na série atual, quando apareceu em um dos episódios com David Tennant. Foi uma personagem marcante para a série e, por isso, teve seu próprio *spin-off* (na televisão, é quando um seriado é desenvolvido a partir de outro já existente) dedicado à ela, que contou com 5 temporadas. A atriz faleceu em 2011.



Figura 15: Romana em sua primeira encarnação - Mary Tamm

Fonte: www.tor.com/2012/07/27/either-qromanaq-or-qfredq-remembering-mary-tamm/



Figura 16: Romana em sua segunda encarnação - Lalla Ward

Fonte: www.fanpop.com/clubs/romana-ii/images/10355871/title/lalla-ward-romana-photo

Romana (ou Romanadvoratrelundar) foi uma *Time Lady* (Senhora do Tempo) que acompanhou o Quarto Doctor em sua busca pela Chave para o Tempo, artefato que mantinha a ordem do universo. Romana, com a habilidade de se regenerar, teve duas encarnações, interpretadas por Mary Tamm e em seguida por Lalla Ward. Após suas aventuras com o Doctor, virou *Lady Presidente* dos *Time Lords* de *Gallifrey*, cargo no qual permaneceu até o começo da Última Grande Guerra Temporal.



Figura 17: Rose Tyler - Billie Piper
Fonte: readbykevin.com/category/rose-tyler/

Billie Piper interpreta Rose Tyler, a primeira *companion* das novas temporadas. Rose conseguiu amenizar os efeitos que a Última Grande Guerra Temporal deixara no *Doctor* de Christopher Eccleston e isso fez com que os dois se aproximassem bastante. Rose, também conhecida como *Bad Wolf*, reapareceu em alguns episódios após sua saída, e retornou no episódio especial de 50 anos do seriado, em 2013, como a consciência do “Momento”, arma mais poderosa em toda a criação, que seria usada para destruir o planeta natal dos Senhores do Tempo e a raça *Dalek*.



Figura 18: Donna Noble - Catherine Tate
Fonte: carboncostume.com/donna-noble/

Donna Noble, apesar de ter origens comuns, assim como Rose, foi descrita pelo *Doctor* como a mulher mais importante em toda Criação. Interpretada pela atriz Catherine Tate, Donna deixou a série quando salvou toda a realidade de duas espécies. Para que isso acontecesse, Donna teve sua memória dos tempos com o *Doctor* apagada e voltou para a Terra. Uma das personagens mais admiradas pelos fãs da série atual, suas aventuras sempre tiveram um destaque cômico e, muitas vezes, trágico.



Figura 19: River Song - Alex Kingston

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/36KHCSklfxdm9Xn7FH018IP/river-song

River Song, interpretada por Alex Kingston, é uma das personagens mais importantes da série atual. Conhece o *Doctor* em ordem contrária, portanto, a primeira vez que ele se encontra com ela, é a última vez que ela o verá. Levamos em conta que o tempo, no seriado, não tem uma ordem cronológica linear. Após alguns encontros, descobrimos que ela é esposa do *Doctor*, filha de dois de seus companheiros recentes. É uma das personagens mais marcantes das últimas temporadas e os fãs mais dedicados ainda sonham com o retorno da personagem à trama. Em Setembro de 2015, porém, a volta da personagem foi confirmada pela produção do seriado em um episódio especial de Natal, mas mais informações ainda não foram liberadas.



Figura 20: Amelia Pond - Karen Gillan

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/133MdNjCss6Pt9R5BnmvDzj/amy-pond

Amelia Pond, interpretada por Karen Gillan, é uma das *companions* mais queridas dos últimos tempos. Se encontrou com o *Doctor* quando ele se regenerou na sua décima primeira encarnação, quando ainda era uma criança. *Doctor* prometeu que levaria a pequena Amelia em suas aventuras, mas para que a *TARDIS* voltasse a funcionar, ele precisaria de uma curta viagem de cinco minutos. Essa viagem, no entanto, durou 12 anos, e Amy já não o esperava mais. Foram mais dois desencontros e depois, os dois começaram suas aventuras. Amy foi casada com Rory Williams e foram os pais de River Song. Amy deixou a série em 2012, com um breve retorno em 2013, quando o Décimo Primeiro *Doctor* se regenerou.



Figura 21: Clara Oswald - Jenna Coleman

Fonte: www.bbc.co.uk/programmes/profiles/391QTq2XgwJyBHH6Yx0TY2M/clara-oswald

Clara Oswald, a Garota Impossível, é interpretada pela atriz Jenna Coleman. A personagem foi aparecendo aos poucos e, nos primeiros episódios, o público não poderia saber que ela seria a próxima companhia do *Doctor*. Apareceu com personalidades diferentes, o que fez com que o Doctor se interessasse por seu mistério. Atual *companion* do Décimo Segundo *Doctor*, Clara demora a se acostumar com a nova personalidade de seu companheiro. A atriz anunciou que deixará o papel ao final da temporada atual para trabalhar em outra produção.

CAPÍTULO II – A NARRATIVA

2.1. O ARCO DRAMÁTICO

Doctor Who é imprevisível. As personagens podem ser tudo. A história não pertence à ninguém e pertence a todos, ao mesmo tempo. A narrativa é livre e é por isso que ela se expande além da televisão, através de livros, quadrinhos, jogos, filmes, *podcasts*, etc, que podemos classificar como um exemplo de *transmedia storytelling* (PARKIN, 2009, p.14).

A organização básica para a construção de um arco narrativo é constituída por sete etapas: a ideia, o conflito, as personagens, a ação dramática, o tempo dramático e a unidade dramática (COMPARATO, 1995, p. 22).

A Ideia, como primeiro passo, pode ser apenas uma ideia, fato ou acontecimento que provocam no autor a necessidade de relatar. O Conflito é a base da narrativa, é o fundamento da trama, é o que irá acontecer ao longo da história.

As personagens são as peças que sustentam o peso da ação e os principais pontos de atenção do espectador.

É após a criação das personagens que um roteirista começa a localizar a história no tempo e no espaço. A história deve começar em algum lugar, passar por alguns e finalizar em outro.

A ação dramática é a maneira como esse conflito será vivido pelas personagens e como ele será contado para o público. Para esse ponto, é necessário contar com a estrutura, que é o esqueleto sequencial e a descrição de cada cena.

O tempo dramático é a duração de cada cena presente na história. É nesse ponto que a organização das personagens é feita. Ali que as emoções, a personalidade e os problemas de cada personagem aparecem ao público.

Por último, contamos com a unidade dramática, que é a versão finalizada do roteiro. É o guia para a construção da produção audiovisual, quando a cena, a unidade dramática, se torna realidade.

Ainda com base nas teorias de Doc Comparato (1995), podemos dizer que “o cinema e a televisão são duas versões, tecnológica e socialmente distintas, de uma

mesma linguagem que se define por um determinado tipo de combinações entre palavras, música, ruídos e imagens em movimento”.

Transmedia storytelling é uma forma de ir além dos limites de algum veículo ou mídia para contar histórias. Essa é uma das diversas características presentes no mundo da ficção de *Doctor Who*, que ultrapassa barreiras no quesito criatividade.

Na *Doctor Who Celebration*, evento em Londres que reuniu fãs e admiradores para painéis de discussão com os atores e diretores, Steven Moffat – diretor e atual roteirista – revela que não haverá um dia em que o mundo não precise de um herói imaginário como o Doctor, de um herói sem armas, de um herói com dois corações, capaz de amar e ajudar a todos os que pedem ajuda sem pensar duas vezes, e que um herói desse porte tem uma importância grandiosa.

Desde 1963, quando o primeiro episódio de *Doctor Who* foi ao ar em terras britânicas pela *BBC*, nosso herói tem mudado sua personalidade e aparência física de tempos em tempos. A história deixa de ser cansativa, porque consegue transbordar mudanças ao longo de todos os seus episódios. A criatividade dos envolvidos não para, exatamente pelo fato de que é possível criar e recriar a personagem quantas vezes as pessoas quiserem.

Esse processo de criação de personagens diferentes proporciona uma experiência ao espectador, que consegue se identificar com alguns aspectos apresentados pelas personagens. Pode-se utilizar a catarse para explicar essa relação.

A catarse (ARISTÓTELES, 1996) tem sido usada para explicar formas de reflexão na psicologia, na religião e na arte.

Para a psicologia, de acordo com Freud, a catarse é um processo de cura e libertação emocional, que pode ser alcançada através da verbalização de experiências traumáticas reprimidas pelo indivíduo.

Para a religião, a catarse representa a purificação da alma, a libertação dos pecados e a comunhão com Deus, e esse processo pode acontecer durante uma oração ou confissão.

Para a arte, é o contato do espectador com momentos, experiências e vivências de vidas fictícias, capazes de trazer à consciência memórias travadas no inconsciente,

libertando a pessoa daqueles bloqueios e fazendo com que ela se emocione a partir daquilo que está presenciando.

Um show de um conjunto de rock é claramente um momento de catarse, de descarga de emoções, que faz com que toda a tensão individual naquelas pessoas seja aliviada precisamente pelo fato de experimentarem uma comunhão imediata umas com as outras através do vínculo com a música e com a figura do artista. (FREITAS, 2001, p.3)

A obra, a partir desse ponto, se define a partir das impressões e reações do público.

É em um concerto musical, por exemplo, que milhares de pessoas se encontram por um único motivo: a música. É aquele grupo de seres humanos em cima do palco que motivam e inspiram as pessoas que estão ali para assisti-los. Presenciar uma performance ao vivo da banda favorita é uma das sensações mais prazerosas do planeta. E encontrar vários outros indivíduos com gostos e preferências semelhantes aos seus é sempre uma experiência gratificante.

Experiência, inclusive, que pode ser transmitida para diversas outras formas de interação com o ser humano. Podemos presenciar tais características em apresentações teatrais, exibição de filmes nos cinemas, ou até mesmo em um seriado na televisão.

A criação narrativa da televisão passa a ter um contato mais direto com o espectador, fazendo com que este participe de experiências ao mesmo tempo que seus personagens.

Podemos identificar, a partir do entendimento da catarse, que *Doctor Who* tem a capacidade de criar certas experiências nos seus espectadores. É possível, por exemplo, passear pelas constelações mais distantes junto com a personagem, conhecer todos os cantos do universo, descobrir novos planetas e assistir ao nascimento de estrelas, e isso faz com que o espectador permita que a sua imaginação acompanhe esses caminhos, trazendo as sensações para o outro lado da tela.

O universo ficcional possui um conteúdo que pode ser expandido em todos os sentidos, seja essa expansão em seus personagens ou em seu desenvolvimento narrativo (LOPES; MUNGIOLI, 2011, p. 253).

A participação do espectador não se limita a apenas assistir. De acordo com Umberto Eco (1996), a construção de um mundo ficcional implica uma multiplicidade de acontecimentos e personagens que não podem ter todos os seus segredos e características revelados. Esconder alguns aspectos da história faz com que o indivíduo preencha as lacunas por si só, criando uma infinidade de possibilidades para aquela cena, para aquelas pessoas.

É a partir dessas lacunas que, por exemplo, é possível encontrar fóruns de discussão e debates de teorias pela internet sobre praticamente qualquer assunto no mundo ficcional.

2.2. O COMEÇO

As produções de televisão têm conquistado novas estratégias de linguagem para redirecionar a maneira como se inserem na sociedade. Analisaremos alguns episódios da série *Doctor Who* para destacar algumas mudanças no processo narrativo de seus episódios ao longo dos 50 anos de exibição.

O primeiro episódio, *The Unearthly Child*, foi ao ar em 23 de novembro de 1963, na BBC. Parte de um arco que contou com quatro episódios, a história se inicia com Barbara Wright (Jacqueline Hill) e Ian Chesterton (William Russell), professores da escola *Coal Hill School*, ficaram intrigados com uma de suas alunas e foram visitar sua casa. Nesse momento, descobrem que Susan (Carole Ann Ford) mora em um ferro-velho com seu avô, chamado *Doctor*. Ao descobrir a origem alienígena de ambos, os professores embarcam em uma aventura não programada e acabam indo para o período paleolítico, onde encontram com tribos ainda prestes a descobrir a origem do fogo.



Figura 22: Barbara e Ian encontram o Doctor
Fonte: Arquivo pessoal, printscreen. – *An Unearthly Child* – BBC.

Esse primeiro contato já nos mostra os recursos escassos que o programa possuía no começo. Os estúdios eram pequenos, os atores ainda não muito à vontade em seus papéis, mas o ânimo para fazer com que *Doctor Who* fosse um sucesso era maior do que qualquer obstáculo que a produção pudesse enfrentar.

É possível perceber, desde o seu início, que *Doctor Who* não era apenas sobre o *Doctor*, apesar de dar nome ao personagem principal. Mas sim sobre suas companhias humanas, os lugares onde se aventuravam e tudo o que envolvia esse mundo de viagens, história e conhecimento.

Após completar um ano de transmissão, *Doctor Who* viu a necessidade de seus escritores a continuar criando aventuras avançadas, atrasadas e por todos os lados do tempo. Quando o arco que introduziu os *Daleks* finalizou, a estimativa é de que 10 milhões de pessoas assistiam ao seriado toda semana (HEARN, 2013).

Já nesse primeiro ano, podemos destacar o começo do uso da transmedia storytelling mencionada anteriormente. *Doctor Who in an exciting adventure with the Daleks* foi a primeira edição de livros sobre a série. Esse livro foi escrito por David Whitaker, produtor do seriado na BBC.

A empresa britânica *Cadet*, em 1964, lançou um chocolate em forma de cigarros temáticos de *Doctor Who*. Cada caixa acompanhava 1 de 50 imagens desenhadas

pelo artista Richard Jennings. No mesmo ano, o brinquedo mais procurado pelas crianças e aficionados da série era um boneco do *Dalek*, que funcionava através de pilhas.



Figura 23: Doces temáticos, 1964, Cadet

Fonte: www.tardis.wikia.com/wiki/Dr_Who_and_the_Daleks_sweet_cigarettes



Figura 24: Brinquedo Dalek, 1964, Louis Marx & Company

Fonte: www.vectis.co.uk/Page/ViewLot.aspx?LotId=348525&Section=4597&Start=160

O lançamento de produtos comerciais baseados na série foi importante para que seu alcance tomasse proporções que nenhuma outra história tomasse. Os personagens, os vilões, estavam para fora da tela. Os *Daleks* foram as criaturas mais adoradas logo no começo das temporadas. Estavam nas capas dos jornais, nas exposições, nos livros e nas casas de todos os espectadores.

Desde seus primórdios, *Doctor Who* era visto como uma série de ficção científica, mas ao longo das primeiras temporadas foi perdendo seu contato com a própria

ciência. Essa questão foi retomada pelo produtor Barry Letts e aos poucos tomou proporções maiores.

Nos episódios mais atuais, por exemplo, é possível notar a sabedoria por traz da fala do personagem. Os roteiristas e escritores não escrevem seus roteiros baseados apenas em suas ideias. Eles contam com ajuda de profissionais nas áreas mais diversas para fazer com que aquela cena seja o mais próximo do real possível. Algumas, é claro, contam com o apoio do exagero, mas é possível enxergar alguma veracidade em alguns pontos.

A sabedoria do *Doctor* é intrigante. São mais de 2000 anos vividos pela personagem, a bagagem histórica, suas vivências, estão todas ali, estampadas em seu rosto. E, ao mesmo tempo, ele consegue disfarçar muito bem. Tomemos como exemplo o Décimo Primeiro *Doctor*, interpretado por Matt Smith.

Personalidade excêntrica, o *Doctor* de Matt Smith apresenta características extremamente marcantes. A versão de Smith é introduzida com a *TARDIS* sofrendo problemas técnicos e caindo em direção à Terra. Já percebemos, em sua primeira cena, a facilidade com que o ator tem de interpretar o seu papel.

Conferindo se todos os seus membros ainda estavam presentes em seu corpo após uma regeneração conturbada, o Décimo Primeiro *Doctor* encanta, em menos de 1 minuto, aqueles fãs que acabavam de se despedir da era de David Tennant como *Doctor*.

Essa encarnação é, talvez, uma das mais atrapalhadas. A que mais quebra os paradoxos e regras do Tempo, Matt Smith nos leva, ao longo de seus quatro anos no papel, para as aventuras mais inusitadas e incríveis.

Mas, ao mesmo tempo, é um dos *Doctors* que mais se depara com perdas ao longo de seu caminho. É nessa encarnação que o *Doctor* descobre e aprende quem é River Song, mencionada no capítulo anterior. É com ela que muitas de suas aventuras são realizadas, contando sempre com a presença de Amy Pond e Rory Williams, seus *companions* oficiais. E é por essas três personagens que o *Doctor* de Matt Smith mais sofre.

O episódio em que Matt Smith nos revela suas emoções mais profundas foi escrito por um roteirista iniciante no seriado, Neil Cross, que não economizou em suas referências mitológicas. *The Rings of Akhaten*, sétimo episódio da sétima

temporada, apresenta referências dos tempos do faraó *Akhenaten* no Egito em seu nome e em seu enredo.

É possível perceber um aspecto de velhice na personagem principal em praticamente todas as cenas em que aparece. Faz parecer com que o peso de todos os seus anos de vida finalmente aflorassem em sua pele e estavam procurando um motivo e oportunidade para escapar.

Em seu discurso, o Décimo Primeiro *Doctor* está enfrentando o deus dos povos de *Akhaten*, que se alimenta das memórias e sentimentos de seus habitantes. Para tentar confrontá-lo e destruí-lo, *Doctor* entrega suas próprias lembranças. E são lembranças de uma vida longa, cheia de surpresas, alegrias e muita dor. O trecho abaixo foi retirado do próprio episódio e traduzido para o Português.

Eu escapei da última Grande Guerra do Tempo. Eu assisti a morte dos Senhores do Tempo. Eu vi o nascimento do Universo e assisti o tempo esgotar-se, momento após momento, até não restar nada! Nem tempo! Nem espaço! Só eu! Eu andei em universos onde as leis da física eram concebidas pela mente de um homem louco! Eu assisti universos congelarem e criações queimarem. Eu vi coisas que você não acreditaria, eu perdi coisas que você nunca entenderá. E sei de coisas! Segredos que nunca devem ser revelados! Conhecimentos que nunca devem ser contados! Conhecimentos que fariam deuses parasitas queimarem. Então, vamos lá! Pegue! Pegue tudo, criança (Episódio 7, 2013. Tradução nossa).

Nesse trecho emocionante, o *Doctor* menciona momentos de todos os seus anos de vida, além de outras encarnações. Ele cita acontecimentos da série clássica, como ver o começo do universo, presente no primeiro arco da décima nona temporada da série clássica, *Castrovalva*, de 1982. Menciona, também, que teve muitas perdas e que possui um conhecimento que não deveriam ser compartilhados nunca, pois seriam fatais para o universo.

A emoção que o ator Matt Smith consegue transmitir com essas poucas palavras é imensa, pois faz com que o espectador lembre de momentos ao longo do seriado, de episódios essenciais e de personagens que marcaram a história da série.

2.3. A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E VISUAL

Por possuir mais de 50 anos de duração, *Doctor Who* passou por mudanças extremas ao longo de todos os seus episódios. Tanto na forma de produzir, roteirizar e filmar quanto na sua própria aparência.

Os cenários, câmeras, figurinos e efeitos especiais utilizados em 1963 foram essenciais para que o seriado pudesse evoluir em cima de sua própria produção. Foi a partir desse ponto que os envolvidos buscaram entender melhor o seu público e saber o que agradava e o que não agradava aos consumidores.

Conhecer o seu público e saber o que os atrai ou não é extremamente importante para garantir um produto ou serviço de qualidade. É uma estratégia muito utilizada no mercado atual, que busca a atualização constante de empresas que querem manter os seus consumidores por muito tempo.

Com o seriado não foi diferente. Cada temporada, cada personagem e cada interpretação do *Doctor* foi importante para o seu crescimento. Além disso, o público espectador, que ligava a televisão todo sábado a noite para acompanhar as aventuras do Senhor do Tempo, também tiveram uma porcentagem significativa nas mudanças.

A marca de um produto ou serviço – no caso, um seriado – é uma das partes mais importantes de sua construção. Segundo Philip Kotler, marca é “Nome, termo, signo ou símbolo, ou uma combinação destes que tem a função de identificar os bens ou serviços de um vendedor ou grupo de vendedores e de diferenciá-los dos concorrentes” (KOTLER, 1998, p. 393)

Para a Publicidade, a marca passa a ter diversos significados e, um deles, é o que chamamos de Logotipo. De acordo com o Dicionário Essencial de Comunicação (2014), o logotipo tem como principal objetivo provocar a identificação imediata de uma determinada instituição ou produto. Para este trabalho, optamos por utilizar o nome “logotipo” como padrão.

Como trabalhamos com um programa televisivo, o conceito funciona praticamente da mesma forma. O programa precisa de um nome ou um símbolo para que seja identificado em meio aos outros. Saber trabalhar com um logotipo é essencial para a

construção visual e ideológica do produto/serviço. No caso de *Doctor Who*, temos uma evolução de marcas e trilhas sonoras que, ao longo dos anos, acompanham as características principais dos episódios e das personagens.

A marca (logotipo) é importante para ajudar na construção da imagem e conceito de um produto. Por esse produto, no caso, ser um seriado de ficção científica, essa marca deveria passar os aspectos e características daquele meio. A marca deve ser uma pequena porcentagem do que é o produto, ou seja, deve ser uma amostra do que você irá encontrar quando assistir algum episódio.

Abaixo, a ilustração mostra a evolução da marca do seriado, que estava presente em todas as aberturas e com o passar dos anos, em todas as mídias de divulgação e de comunicação do seriado.



Figura 25: Oito primeiras logomarcas de Doctor Who
Fonte: Acervo da BBC

O primeiro logotipo, utilizada durante a primeira fase do seriado, era escrita em uma fonte não serificada – que não possui traços nas hastes das letras -, apresentada em tamanhos diferentes para que o destaque fosse a palavra “who”.

Entre 1967 e 1969, o logotipo foi escrito na fonte Times New Roman e manteve o aspecto do primeiro. Sua mudança só foi necessária, pois houve uma troca de personagens e esses momentos são utilizados para alterar detalhes.

A alteração para o terceiro logotipo foi necessária porque a gravação e exibição do programa, a partir daquele momento, seria em cores.

O quarto logotipo, também conhecido como “a logo do diamante”, é de 1973, e foi criado para introduzir a personagem Sarah Jane Smith no seriado.

A quinta marca, mais chamativo que os outros por apresentar cores destacadas, foi alterado junto com a música de abertura, que teve sua versão original de Delia Derbyshire reformulada para uma mais moderna.

O sexto logotipo, não muito diferente do antigo, foi o único utilizado por mais de uma encarnação do *Doctor*. Era um pouco mais arredondado que o anterior e apresentava um tom lilás.

O sétimo logotipo foi o último a ser utilizado antes da pausa nas produções do seriado. Esse foi o primeiro logo a ser criado a partir de computadores, e apresentava uma forma tridimensional.

O oitavo logotipo foi o menos utilizado em toda a história de *Doctor Who*. Ele foi criada para ilustrar o filme de 1996, de Geoffrey Sax, em uma tentativa de fazer com que a série retornasse. Tentativa falha, até que em 2005, os boatos se tornaram realidade.

Em 2005, quando o seriado retornou às telas, a identidade visual passou por transformações necessárias devido à evolução da tecnologia no mundo televisivo. Além disso, a marca foi alterada de sua forma vertical para a horizontal, para especificar aos fãs que existia uma diferença entre a série clássica e a que viria a seguir.

A identidade visual é um conjunto de elementos que representam a personalidade visual de uma empresa, um produto ou, no caso, um seriado de televisão.

A marca apresentava cores fortes e uma espessura mais fina nos dizeres “*Doctor Who*”, o que já a diferencia das antigas. Essa mesma logo foi utilizada nos anos seguintes, até 2010, mas teve algumas alterações para que tivesse um *design* mais limpo e moderno.



Figura 26: Logo de Doctor Who entre 2005 e 2009

Fonte: www.theguardian.com/tv-and-radio/gallery/2009/oct/05/doctor-who-new-logo

Em 2010, portanto, a marca foi alterada para se renovar junto com a personagem principal. Quando o *Doctor* de Matt Smith entrou em cena, a identidade visual da série era mais moderna. As palavras “*doctor*” e “*who*” continuaram na horizontal, e as letras “d” e “w” se uniram para formar o desenho da *TARDIS*. Mais tarde, essa marca sofreu leves alterações, como alguns efeitos de luz e a sigla BBC abaixo do nome.



Figura 27: Logo de Doctor Who a partir de 2011

Fonte: universowho.org/2012/07/

Para a nova e atual fase, com Peter Capaldi no papel principal, a marca continua com a mesma aparência e apenas algumas melhorias e mudanças. Sua textura ficou mais simples e o “DW” passa para o final do título.



Figura 28: Logo de Doctor Who a partir de 2014

Fonte: www.geeksofdoom.com/tag/doctor-who

2.4. COMPARAÇÃO DE CENAS

A evolução visual de *Doctor Who* também pode ser comparada através da composição de cena dos episódios antigos e dos atuais.

As primeiras temporadas de *Doctor Who* apresentavam cenas paradas, com câmeras nos tripés e apresentavam uma continuidade dura e seca, sem efeitos de transição. Atualmente, a equipe de produção do seriado conta com milhares de profissionais especializados em equipamentos de alto padrão para que a filmagem e edição final corram tranquilamente.

Podemos dizer que, ao longo dos anos, a produção foi modernizando seus equipamentos e técnicos para fornecer o melhor resultado possível para o consumidor final: o espectador.



Figura 29: **Spearhead From Space**, primeiro episódio em cores, 1970
 Fonte: www.theguardian.com/film/2013/jul/13/this-weeks-new-dvd-blu-ray

A primeira filmagem em cores aconteceu em 1970, no primeiro episódio de Jon Pertwee no papel principal. Além disso, a mudança levou a equipe a alterar o tema visual de abertura da série, também como a alteração do logotipo para a terceira encarnação da personagem.

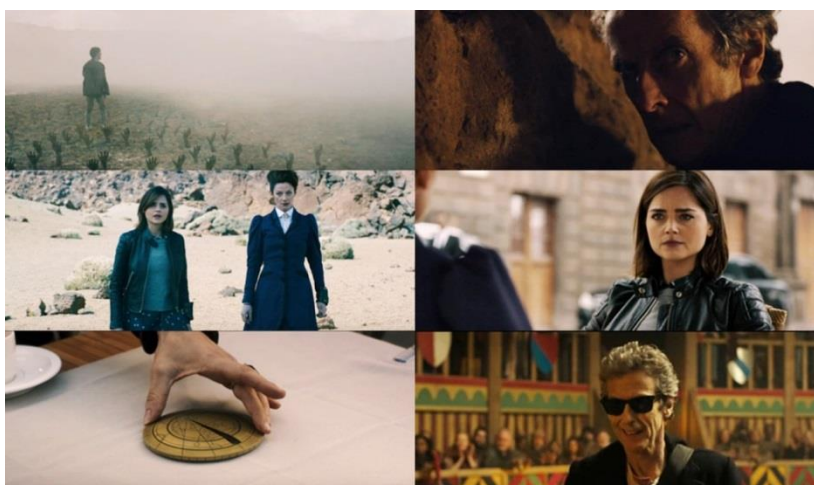


Figura 30: Cenas do episódio "The Magician's Apprentice", 2015
 Fonte: www.tumblr.com

O episódio "The Magician's Apprentice", primeiro da nona temporada (2015), mostra a evolução de enquadramento em comparação à imagem anterior. Pode-se perceber uma preocupação com a imagem que é filmada, que o balanceamento da cena e de seus objetos deve ser compensado e equilibrado, além da construção das cores, que é compatível e harmônica ao longo de todo o episódio.

CAPÍTULO III – A CULTURA POPULAR EM TORNO DE DOCTOR WHO

3.1. A DEDICAÇÃO

Discorrer sobre um tema de abrangência mundial é uma grande responsabilidade, maior ainda quando se trata de um seriado de ficção científica britânico que existe desde os anos 60 e carrega uma multidão de fãs e admiradores em sua bagagem.

Apesar de sua proporção ao redor do mundo, *Doctor Who* conquistou as terras brasileiras apenas em 2012, quando a emissora TV Cultura de São Paulo começou a exibir os episódios das temporadas atuais semanalmente.

Uma mistura de cultura popular, ficção científica, comédia, drama, e em alguns casos, até terror, a série tem oportunidades de agradar todo e qualquer público que a assista, independente de sua idade, gênero, posição social ou qualquer outra diferença que possa existir.

Doctor Who é uma série que envolve o espectador de uma maneira nunca vista na história das produções televisivas. A cada história, é possível imaginar muitas probabilidades para a próxima. A série não pode ser considerada previsível nem monótona.

É improvável adivinhar que caminhos o diretor irá seguir com o próximo episódio, que ideias irão surgir, quem irão enfrentar, quem estará no episódio. Já tivemos, por exemplo, histórias com Robin Hood, com a Rainha Elizabeth I, Charles Dickens, William Shakespeare, Agatha Christie, Vincent Van Gogh e até Adolf Hitler.

Os episódios são marcantes, são importantes para o enredo em geral e deixam os fãs alucinados com as participações. É incrível como a produção conquista uma proporção gigantesca, onde cada ator, cada pessoa responsável por um mínimo detalhe, se esforça ao máximo para realizá-lo da melhor forma possível, para garantir a experiência completa de todos os que irão assistir futuramente.

3.2. “VINCENT AND THE DOCTOR”



Figura 31: Foto promocional do episódio Vincent And The Doctor
Fonte: www.doctorwhoreviews.altervista.org/2010-10.htm

“*Vincent and The Doctor*” pode ser considerado um dos episódios mais adorados das últimas temporadas. É uma forma especial de presenciar o dia-a-dia e os pensamentos, conflitos e emoções de um dos maiores pintores de todos os tempos, quando o mesmo enfrentava uma fase depressiva e cheia de fracassos.

Em uma exposição de quadros de Vincent van Gogh, pintor pós-impressionista nascido na Holanda, o Décimo Primeiro *Doctor* e sua companhia Amy Pond se deparam com uma criatura anormal em uma sua obra “A Igreja de Auvers” e acabam indo para Provença, em 1890, para investiga-la.

Richard Curtis, escritor responsável pelo episódio em questão, consegue criar uma história intrigante, que desloca a ênfase para o sentido pessoal, ao invés de levar a narrativa em direção a criatura existente.

A criatura, denominada *Krafayis*, não tem habilidades visuais e só é visível para o artista Van Gogh.

Transformando a criatura em um símbolo narrativo, percebemos que *Krafayis* é usada como um argumento de que o atormentado Van Gogh não era atormentado apenas pela depressão, mas também por algum desequilíbrio que lhe permitia ver o mundo de uma forma diferente, fato que inspirava sua perspectiva única sobre o mundo e explicasse a capacidade única de ver a criatura alienígena.

Van Gogh luta contra uma criatura que apenas ele consegue enxergar e, ao mesmo tempo, a criatura não podia enxergar nada a sua frente.

A magia do episódio está em conseguir mostrar a um dos artistas mais incríveis e originais de todos os tempos, que as suas obras, as suas criações, seriam bens valiosos da arte no mundo moderno. É mostrar para aquele homem desesperado que, em algumas décadas, ele seria considerado um dos pintores mais queridos e admirados do mundo todo.

Para que o episódio não fosse considerado pesado para os espectadores mais novos, os diretores resolveram deixar de lado alguns aspectos sórdidos que rodeavam o pintor naquela época. Um detalhe que não foi abordado no episódio, por exemplo, foi a amputação de parte da orelha esquerda de van Gogh. No episódio, o pintor aparece com os dois órgãos auditivos e não tem intenção de retirá-los.

A arte de van Gogh fora reconhecida apenas após a sua morte e, transformar um episódio ordinário em um episódio onde esse artista se depara com todas as suas obras expostas em um dos maiores museus de Paris (Museu de Orsay) é uma singela forma de homenageá-lo.

3.3. “BLINK”



Figura 32: Imagem do episódio “Blink”

Fonte: dwreviewsandfeatures.blogspot.com.br/2013/07/review-blink.html

O episódio segue tendências mutáveis que podem ser avistadas ao longo de vários outros ao longo da série. “*Blink*”, em questão, possui uma complexidade narrativa que se desenvolve a partir dos próprios acontecimentos.

A história para o episódio foi baseada em um pequeno conto escrito por Steven Moffat, para o *Doctor Who Annual 2006*. Nessa pequena história, Sally Sparrow tem 12 anos e descobre algumas mensagens enviadas à ela atrás de seu papel de parede, enviadas pelo Doctor, que estava preso em 1985 e precisava que Sally pilotasse a *TARDIS* de volta para ele.

A partir desse pequeno enredo, Moffat decidiu que a versão televisiva dessa história seria interessante e começou a trabalhar em seu roteiro. A história gira em torno da mesma personagem do conto, Sally Sparrow, que de início não sabe da existência do *Doctor*.

Em “*Blink*”, somos apresentados a um dos vilões que mais despertaram o medo irracional nos personagens e que foram abordados mais algumas vezes durante as temporadas seguintes. Chamados de *Weeping Angels* (Anjos Lamentadores), são criaturas presas na forma de estátuas de anjos quando existe um contato visual, mas quando esse contato é desviado, tomam sua verdadeira forma, que não nos é apresentada em vídeo.

Essa forma, porém, é mortal. Um toque de um *Weeping Angel* leva a pessoa para algum ponto aleatório no passado, pois as criaturas se alimentam da energia potencial de tempos que aquela pessoa ainda viveria no futuro.

A complexidade do episódio está no fato de que, aqui, o Tempo não apresenta forma linear e os acontecimentos são dependentes um dos outros.

Por exemplo, Sally Sparrow, em um ponto mais avançado do episódio, conversa com o *Doctor* através de *easter eggs* (mensagens escondidas) escondidos em DVD's, que foram gravados a partir das respostas de Sally para o mesmo vídeo.

Parece mais simples do que realmente é, mas na verdade o *Doctor* precisou das respostas de Sally no futuro para formular as suas perguntas e discurso no passado, para que elas fossem vistas por Sally quando precisasse. É complexo e genial.

É nesse episódio que o *Doctor* explica ao telespectador que, no seriado, Tempo é uma perspectiva não-linear e não subjetiva, que não apresenta uma continuidade

concreta, e sim uma grande mistura de acontecimentos aleatórios ao mesmo momento.

Steven Moffat, que dirigiu o episódio, conseguiu trabalhar com o medo irracional das pessoas de uma forma inusitada. Ele pegou um símbolo infantil, que é a brincadeira de Estátua, e transformou em um momento de perigo para as personagens que movessem o seu olhar.

Os Anjos Lamentadores, quando prestes a atacar alguém, são apresentados em cenas com cortes rápidos, dando uma sensação de proximidade das criaturas. E eles só conseguem se mover quando não existe o contato visual constante, então o décimo de segundo que demora para um ser humano piscar, já é um tempo enorme para que os Anjos se movam.

3.4. O CONTATO COM OS FÃS

A produção de *Doctor Who* é tão grande que os envolvidos em sua divulgação e realização sempre procuram maneiras de fazer com que a experiência do fã seja o mais real possível. Por isso, surgiu a *Doctor Who Experience*, uma chance anual de conhecer a *TARDIS* e o seu interior “maior por dentro”, onde as filmagens são feitas.

A experiência acontece em Cardiff, nas instalações onde a série é gravada, e oferece uma experiência única, incrível e um pouco assustadora pelos mais de 50 anos da série. Existem diferentes pacotes com diferentes passeios pelos estúdios, um deles sendo um passeio guiado por todas as partes da cidade onde *Doctor Who* já foi gravada. Existe, também, o pacote onde a pessoa pode conferir a maior coleção de objetos memoráveis da história da série.

Para que a experiência seja completa, a produção e os atores procuram entrar em contato com os fãs sempre que possível. Um exemplo disso é que, em 2014, aconteceu a *World Tour*, evento feito ao redor do mundo em diversas cidades, para promover o primeiro episódio da nona temporada da série, contando com a participação do diretor Steven Moffat, da *companion* Jenna Coleman (Clara Oswald, no seriado) e do atual Doctor, Peter Capaldi, onde os fãs poderiam fazer perguntas e observar os atores em seus depoimentos sobre a série.

Nos meses de Abril e Maio de 2015, a cidade de São Paulo recebeu a Tour da *TARDIS*, onde a máquina do tempo do *Doctor* passaria uma semana em cada Livraria Cultura da cidade e o público estaria liberado para visitação. Os fãs puderam contemplar a cabine telef nica azul e tirar muitas fotos com ela. A *TARDIS* também pode ser vista pelos fãs que passaram pela *Comic-Con Experience* em dezembro de 2014, em São Paulo.

3.5. A CULTURA POPULAR

O seriado teve um alcance de público maior na Inglaterra, país de origem de uma das maiores bandas de todos os tempos. Além dos *Beatles*, temos influências de *Doctor Who* nas bandas *Iron Maiden* e *Pink Floyd*.

The Beatles, a banda britânica de maior influência na história música, quase participou de um dos episódios de *Doctor Who*, em 1965. Eles representariam uma versão idosa deles mesmos, para o episódio “*The Chase*” do Primeiro Doctor. O empresário da banda não permitiu que isso acontecesse, então a única participação deles no episódio   uma apresentação da música “*Ticket To Ride*” no programa “*Top of the Pops*”.

Doctor Who e os *Beatles* tem uma influência gigantesca ao redor do mundo. Tanto o seriado quanto a banda foram originados na Inglaterra, na década de 60, e acabaram virando fen menos mundiais em pouco tempo.

  possível encontrar referências aos *Beatles* em várias m dias utilizadas para a reprodução das histórias do Viajante do Tempo em questão, principalmente nas histórias em quadrinhos.



Figura 33: The Beatles e Cybermen
Fonte: favim.com/image/2301780/

A banda de rock britânica *Iron Maiden* já se declarou fã do seriado. Em seu álbum *Somewhere in Time*, de 1986, podemos encontrar algumas referências a *Doctor Who*, como a *TARDIS* na contra-capa. Podemos ver os integrantes da banda desenhados na parte inferior e, na camiseta de um deles, está escrito “Iron What?”, com o estilo de fonte, sendo o mesmo da logo do seriado na época.



Figura 34: Capa do álbum *Somewhere in Time* do Iron Maiden
Fonte: www.beastrooper.blogspot.com.br/2009/09/somewhere-in-time-cap.html

Além disso, o baterista Nicko McBrain faz uma referência ao seriado em entrevista para a Multishow, durante o festival *Rock in Rio* de 2013:

Não sei se vocês conhecem aqui no Brasil uma série chamada *Doctor Who*. Em *Doctor Who* ele tem uma *TARDIS*, que é uma antiga cabine policial, e ele viaja no tempo. E eu digo para o pessoal: nós somos como uma *TARDIS*. Quando eu vou no final do show e digo "obrigado" para todos, e eu olho para a primeira fileira, e é como se o público tivesse entrado na *TARDIS*, porque parece que eles foram transportados. Nós vemos os seus pais com eles [os jovens] gritando. É fantástico! (Nicko McBrain, 2013)

A música *One of These Days*, da banda *Pink Floyd*, tem referências do tema de *Doctor Who*. Em vídeos ao vivo da banda em 1994, por exemplo, podemos notar a semelhança entre o início da música e a abertura da série.

Além de suas influências no mundo da música, o seriado já foi considerado um dos 10 maiores de todos os tempos. A Revista Mundo Estranho, da editora Abril, elegeu *Doctor Who* como a 8ª maior série de televisão em Outubro de 2014, ficando atrás de grandes produções americanas como *FRIENDS*, *Breaking Bad*, *Seinfeld*, *The Sopranos*, *Game of Thrones*, *Lost* e *The Simpsons*.

Podemos perceber citações, menções, aparições e referências do seriado em diversos tipos de seriados, filmes, programas de tv, etc. Temos, por exemplo, o filme ganhador do Oscar 2015, *A Teoria de Tudo* (*The Theory of Everything*, 2014), que em uma de suas sequências apresenta o cientista Stephen Hawking, já em um estado avançado de sua doença, aprendendo a utilizar o mecanismo que o ajuda a falar, verbalizando os dizeres dos *Daleks*: *Exterminate! Exterminate!* (Exterminar – frase de efeito dos vilões do seriado, quando estão prestes a destruir alguma coisa).

No dia 23 de novembro de 2013, quando *Doctor Who* comemorou seus 50 anos de exibição, o *Google*, plataforma de serviços online, homenageou o seriado com um *doodle* (marcas e desenhos animadas que substituem a marca da empresa em datas comemorativas em sua página inicial) que dava aos fãs a oportunidade de brincar com um minijogo da série, onde a intenção era levar o *Doctor* até a *TARDIS*, passando por alguns obstáculos.

Esse *doodle* comemorativo foi um sucesso e ainda pode ser encontrado nos arquivos da *Google*. (www.google.com/doodles/doctor-whos-50th-anniversary)

Referências a *Doctor Who* aparecem, como nas animações de Seth MacFarlane *American Dad* e *Family Guy*, nos seriados *Castle*, *Criminal Minds*, *Community*, além de *Grey's Anatomy*, que já contou com um enredo baseado em uma convenção de *Doctor Who*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seriado de ficção científica britânico *Doctor Who* já conquistou milhares de fãs ao redor do mundo – e ainda conquista. A cada episódio, milhões de telespectadores acompanham as aventuras de um viajante do tempo e seus companheiros aos lugares mais inusitados e diferentes do universo.

O arco narrativo incansável do seriado faz com que seus espectadores e admiradores levem suas histórias a todos os cantos, em todas as mídias, em todas as formas. Essa facilidade de quebrar os limites de um veículo e criar arcos dramáticos em vários formatos damos o nome de *transmedia storytelling* (PARKIN, 2009, p.14).

No trabalho que aqui se encerra, descobrimos que o seriado se transforma em obra de arte a partir das teorias de Aristóteles sobre catarse, porque faz com que o indivíduo que o assiste sinta as mesmas emoções que seus personagens, viagem para os mesmos mundos e consumam os mais diversos tipos de cultura presentes no universo.

Percebemos, também, que o sucesso de *Doctor Who* vem da sua competência em agradar o público com histórias incríveis e da força de vontade de todos os envolvidos em criar e produzir o melhor conteúdo.

Doctor Who, ao longo de seus quase 53 anos de existência, consegue, a cada nova história, conquistar fãs, admiradores e críticos, que não medem esforços para retribuir o carinho e a dedicação que recebem do seriado.

BIBLIOGRAFIA

ARISTOTELES. **Poética**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BBC. **The Logo Look...** Disponível em www.bbc.co.uk/doctorwho/s4/features/galleries/gallery_logos/. Acesso em 13/08/2015

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DIAS, Sérgio Roberto. **Gestão de Marketing**. São Paulo: Saraiva, 2003

FREITAS, V. **Catarse, narcisismo e cultura de massa**. Jornal Estado de Minas, 14/04/2001, Caderno Pensar, p.1.

G1.globo.com. **Mundo tem 3,2 bilhões de pessoas conectadas à internet, diz UIT**. Disponível em g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html. Acesso em 13/08/2015

HEARN, Marcus. **Doctor Who: The Vault: Treasures From The First 50 Years**. 1ed. Nova York: Harper Collins Publishers, 2013.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 5.ed., São Paulo, Atlas, 1998.

LOPES; MUNGIOLI. **O universo narrativo de latitudes: A reassistibilidade como estratégia de transmidiação**. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Revista Geminis, ano 5, nº 2, p. 253.

MASSAROLO, J. **Storytelling Transmídia: Narrativa para multiplataformas**. Tríade, 2013.

MITTEL, J. **Notes on Rewatching**. JustTV, janeiro de 2011. Disponível em justtv.wordpress.com/2011/01/27/notes-on-rewatching/ Acesso em 21/07/2015.

PARKIN, Lance. **Truths Universally Acknowledged: How the ‘Rules’ of Doctor Who Affect the Writing**. Em HARRIGAN, Pat & WARDRIP-FRUIN, Noah, *Third Person: Authoring and Exploring Vast Narratives*, Cambridge, The MIT Press, 2009, pp. 13 – 24.

PELEGRINI, Hugo C.; NEMETH, Priscila. **Vale a pena ver de novo: a complexidade narrativa do episódio Blink da série Doctor Who e a reassistibilidade**. São Paulo: PUC-SP; 2012.

FREUD, Sigmund. **Totem et Tabou**. (trad. francesa, S. Jankélévitch), 1965.

Todamateria.com.br. **O que é Catarse?**. Disponível em <www.todamateria.com.br/o-que-e-catarse/>. Acesso em 21/07/2015.

RABAÇA, Carlos A.; BARBOSA, Gustavo G. **Dicionário Essencial de Comunicação**. 1 ed., Rio de Janeiro, Lexikon, 2014.

FILMOGRAFIA

Doctor Who, **Vincent and the Doctor**. Richard Curtis (BBC), Inghilterra, 2010.

Doctor Who, **Blink**. Steven Moffat, (BBC), Inghilterra, 2007.